

Além do nevoeiro das Highlands

Karen Marie Moning

Highlanders 1

BELTANE

(Primavera)

*Descobriste serpentes com língua dupla
Os ouriços espinhosos não foram vistos;
Tritões e vermes cegos, não façam mal:
Não se acerquem a nossa rainha das fadas.
Shakespeare, Sonho de uma Noite de Verão*

PRÓLOGO

Escócia

1º de fevereiro de 1513

O perfume de jasmim e sândalo flutuou através das árvores de sorveira¹. Entre os ramos recentemente molhados de orvalho, uma solitária gaivota fantasmagórica, desde um banco de névoa, voou para beijar a alvorada sobre as areias brancas de Morar. A maré turquesa brilhou debilmente nas sombras das caudas das sereias contra a orla de alabastro.

A elegante corte real do *Tuatha De Danaan* se reuniu no esplendor de verdor luxuriante. Os *chaises* sustentados com travesseiros de brilhante escarlate e limão enfeitavam a colina verdejante, espalhados numa meia-lua sobre o tablado ao ar livre.

-Dizem que ele é ainda mais formoso do que você- comentou a Rainha ao homem que se postava indolentemente ao pé de seu pedestal.

-Impossível-. Seu riso zombador tilintou como os repiques de um cristal rompido no vento das fadas.

-Dizem que sua masculinidade a meio palmo daria inveja a um ganhão-. A Rainha derramou um olhar sob as pálpebras entrecerradas a seus cortesãos extasiados.

-Mais provavelmente a um rato- sorriu com desprezo o homem a seus pés. Os dedos elegantes mostraram um espaço pequeno de ar, e os risos dissimulados reverberaram no nevoeiro.

-Dizem que completamente alçado, rouba a mente de uma mulher de seu corpo. Demanda sua alma-. A Rainha deixou cair as pestanas adornadas para esconder os olhos acendidos com o fogo iridescente de seu propósito travesso. *Quão facilmente meus homens podem ser provocados!*

O homem girou os olhos e o desdém se gravou em seu perfil arrogante. Cruzou suas pernas à altura dos tornozelos e olhou fixamente a extensão do mar.

Mas a Rainha não foi enganada. O homem a seus pés era vaidoso, e não tão indiferente a sua provocação como fingia.

-Deixe de provocá-lo, minha Rainha- admoestou o Rei Finnbheara-. Sabe como o tonto fica quando seu ego está ferido-. Deu golpezinhos em seu braço ternamente-. Incomodou-o bastante.

Os olhos da Rainha se estreitaram pensativamente. Considerou brevemente abandonar essa veia de vingança. Um olhar interessado a seus homens derrubou esse pensamento, quando recordou o que ouvira-os discutindo, por acaso, a tarde passada com detalhe insuportável.

As coisas que disseram eram imperdoáveis. A Rainha não era uma mulher a ser comparada com outra mulher e perder. Seus lábios se apertaram imperceptivelmente. Sua mão, extraordinariamente delicada, se fechou. Escolheu as seguintes palavras cuidadosamente.

-Mas eu verifiquei que ele é como todos dizem- ronronou.

No silêncio que se seguiu, a declaração se demorou, irreconhecível; para a corte, algo demasiado cruel de entender, que um mortal pudesse ter tais talentos. O Rei a seu lado e o homem a seus pés se moveram inquietos. Ela estava começando a pensar que não acertara dolorosamente o alvo quando, em unísono, eles morderam a isca.

-Quem é esse homem?

A Rainha Aoibheal das Fadas mascarou um sorriso satisfeito com um bocejo delicado, e bebeu profundamente dos ciúmes de seus homens.

-O chamam Hawk.

CAPÍTULO 1

Escócia

1º de abril de 1513

Sidheach James Lyon Douglas, terceiro Conde de Dalkeith, deslizou silenciosamente sobre o solo. As gotas d'água fluíam de seu cabelo úmido para seu peito largo, unindo-se num só riacho entre as ondulações duplas de músculos em seu

¹ Sorveira: árvore da Europa, da família das rosáceas, cujo fruto é a serba. É uma árvore de propriedades mágicas para os celtas. (Nota da tradutora).

abdômen. O luar brilhou debilmente através da janela aberta e lançou uma luminosidade prateada sobre sua pele de bronze, criando a ilusão de que tinha sido esculpido em aço fundido.

A tina por trás dele ficou fria e esquecida. A mulher na cama também estava fria e esquecida. Ela sabia disso.

E não lhe agradou nem um pouco.

Muito formoso para mim, pensou Esmeralda. Mas por todos os Santos, o homem era um gole de veneno, e outro sorvo fresco e longo de seu corpo a única cura para a toxina. Pensou nas coisas que fizera para ganhá-lo, compartilhar sua cama, e - Deus a perdoasse- as coisas que faria para ficar ali.

Quase o odiava por isso. Sabia que ela mesma se odiava por isso. *Ele deve ser meu*, pensou. Olhou-o andar pelo quarto espaçoso até a janela, que abriu entre as colunas de granito caneladas que se encontravam num arco a uma altura de vinte pés sobre sua cabeça. Esmeralda sorriu com desprezo às costas dele. Tonto -abrir essas janelas sem defesa nem cuidado- ou arrogante. Para que, se podia ficar na maciça cama com colchão de plumas, queria olhar fixamente através do arco rosado um céu aveludado e esburacado de reluzentes estrelas?

Ela o surpreendera olhando dessa mesma maneira essa noite, quando entrou de um só golpe nela e excitara essa fome sem fim em seu sangue, com sua virilidade dura como uma pedra, que só ele possuía. Ela tinha choramingado sob ele no mais grandioso êxtase que alguma vez experimentou e ele agora estava olhando para fora da janela, como se ninguém mais estivesse ali com ele.

Estava contando as estrelas?

Canções obscenas silenciosamente recitadas para impedir-se de cair rendido e dormir?

Ela o tinha perdido.

Não, Esmeralda jurou, nunca o perderia.

-Hawk?

-Hummm?

Ela alisou o lençol de seda lavanda através de seus dedos trêmulos.

-Vem de novo à cama, Hawk.

-Estou inquieto esta noite, doçura-. Ele brincou com o talo de uma grande flor azul pálida. Uma meia hora antes ele tinha corrido as pétalas cobertas de orvalho ao longo de sua pele de seda.

Esmeralda retrocedeu ante sua admissão de que ainda tinha energia para esbanjar. Sonolentemente saciada, ela poderia ver que seu corpo ainda era atravessado da cabeça aos dedos dos pés com seu vigor inquieto. Que tipo de mulher deveria tomar -ou a quantas- para deixar a esse homem adormecido em fascinada satisfação?

Mais mulher do que ela, e deuses, quanto isso a ofendia.

Sua irmã o tinha deixado mais saciado? Sua irmã, que tinha esquentado sua cama até que ela, Zeldie, encontrou uma maneira de tomar seu lugar?

-Sou melhor do que minha irmã?-. As palavras escaparam-lhe antes que pudesse detê-las. Mordeu os lábios e esperou sua resposta ansiosamente.

Suas palavras distraíram o olhar fumegante do homem da noite estrelada, através da larga extensão do dormitório, para descansar na acalorada cigana de cabelos como asa de um corvo.

-Esmeralda- ele repreendeu suavemente.

-Sou?-. Seu tom de contralto se elevou a um diapasão mal humorado.

Ele suspirou.

-Tivemos esta discussão antes.

-E nunca me responde.

-Deixe de comparar-se, doce. Sabe que é tolice...

-Como poderia não fazê-lo quando pode comparar-me a cem, não, mil mulheres, inclusive minha própria irmã?- as sobrancelhas bem formadas se enrugaram num cenho sobre os olhos brilhantes.

Seu riso rolou.

-E a quantos compara comigo, encantadora Esmeralda?

-Minha irmã não poderia ser tão boa como eu. Ela era quase *virgem*-. Cuspiu a palavra com irritação. A vida era muito imprevisível para que a virgindade fosse uma posse apreciada entre sua gente. A luxúria, em todas suas facetas, era um aspecto saudável da cultura *Rom*.

Ele levantou uma mão, advertindo-a.

-Pare. Agora.

Mas ela não pôde. O veneno das palavras de acusação davam cambalhotas rápida e furiosamente em direção ao único homem que fizera alguma vez cantar seu sangue pagão, e esse poder sobre ela foi esculpido entre suas coxas em granito, com sua cara perfeita, essa mesma véspera. Em verdade, durante muitos entardeceres agora.

Ele sofreu sua raiva em silêncio, e quando por fim a língua da mulher descansou, voltou a sua janela. O uivo de um lobo solitário rompeu a noite e ela sentiu um lamento parecido respondendo dentro de si. Soube que o silêncio de Hawk era seu adeus. Ferida pela rejeição e a humilhação, pôs-se de pé tremendo de sua cama, a cama à que sabia nunca lhe pediriam que entrasse de novo.

Ela mataria por ele.

Foi o que precisamente quis fazer momentos depois, quando correu para ele com o *dirk* cor de prata que tinha levantado da mesa junto à cama. Esmeralda poderia ter saído sem um juramento de vingança, se ele tivesse parecido surpreso. Momentaneamente alarmado. Aflito, inclusive.

Mas ele não exibiu nenhuma destas emoções. Sua cara perfeita se acendeu com riso quando a deteve facilmente, pegou seu braço e desviou o *dirk*, lançando-o através da janela aberta.

Ele riu.

E ela o amaldiçoou. E a todos seus filhos e qualquer descendente futuro.

Quando ele a acalmou com beijos, ela seguiu amaldiçoando através dos dentes rangentes, bem como seu corpo traidor se fundiu com seu tato. Nenhum homem devia ser tão formoso. Nenhum homem devia ser tão intocável. E tão detestavelmente corajoso.

Nenhum homem devia poder abandonar a Esmeralda. Ele a teria, mas ela não o teria. Ela *nunca* o teria.

-Não foi sua culpa, Hawk- manifestou Grimm. Estavam sentados na sacada de pedra revestida com seixos de Dalkeith, bebendo lentamente o porto e fumando fumo importado com uma satisfação completamente masculina.

Sidheach James Lyon Douglas esfregou sua mandíbula perfeita com uma mão perfeita, irritada pela sombra de uma barba perfeita que sempre aparecia umas horas depois de barbear-se.

-Não consigo entender, Grimm. Eu pensei que ela encontraria prazer comigo. Por que procuraria matar-me?

Grimm arqueou uma sobrancelha.

-O que faz com as garotas na cama, Hawk?

-Lhes dou o que elas querem. Fantasia. Minha carne e meu sangue para servir cada um de seus desejos.

-E como sabes quais são as fantasias de uma mulher?- perguntou Grimm em voz alta.

O *Earl* de Dalkeith riu suavemente; um temerário, seguro retumar, ao recordar os ronroneios que conhecia das selvagens manadas de mulheres.

-Ah, Grimm, simplesmente tem que escutar com o seu corpo inteiro. Com os olhos ela lhe diz, se sabe ou não. Com seus lamentos suaves o guia. Nas contorções sutis de seu corpo, sabe se ela o quer diante ou por trás de suas curvas luxuriosas. Com suavidade ou com poder; se ela deseja um amante terno ou procura uma besta. Se lhe agradam que seus lábios sejam beijados, ou selvagemmente devorados. Se lhe agradam que seus seios...

-Estou fazendo uma idéia- interrompeu Grimm e engoliu seco. Mudou de posição em sua cadeira e descruzou as pernas. Voltou a cruzá-las e endireitou seu kilt. As descruzou de novo e suspirou-. E Esmeralda? Entendeu as suas fantasias?

-Muito bem. Uma delas incluía ser a Senhora de Hawk.

-Ela deveria saber que era impossível, Hawk. Todos sabemos que você está quase casado desde que o Rei James decretou o seu noivado.

-Quase casado? Quase morto. E não quero falar sobre isso.

-O tempo está terminando, Hawk. Não só vai ter que falar sobre isso, vai ter que fazer algo sobre isso... como ir buscar a sua noiva. O tempo está correndo. Ou não se preocupa? - Hawk dirigiu um olhar selvagem para Grimm-. Só me assegurava, isso é tudo. Tem escassamente uma quinzena, lembra?

Hawk olhou fixamente a noite cristalina, iluminada com estrelas resplandecentes.

-Como poderia esquecer?

-Pensa realmente que James levaria a cabo suas ameaças se não se casar com a garota de Comyn?

-Com certeza- disse Hawk, categórico.

-Não entendo por que ele odeia tanto você.

Um sorriso sarcástico relampejou na cara de Hawk. Sabia por que James o odiava. Fazia trinta anos os pais de Hawk tinham humilhado a James no ponto mais fraco de sua alma vã. Já que o pai de Hawk morreu antes que James pudesse vingar-se, o rei tinha depositado em Hawk o ódio contra seu pai.

Durante quinze longos anos, James controlara todos os minutos da vida de Hawk. Dias antes de que expirasse seu contrato de serviço, James imaginou um plano para afetar cada momento futuro dele. Por decreto do rei, Hawk estava obrigado a casar-se com uma garota que não conhecia e não queria. Uma solteirona enclausurada que murmuravam era bastante horrorosa e indiscutivelmente louca. Era a idéia retorcida do Rei James de uma prisão perpétua.

-Quem examina as mentes dos reis, meu amigo?- esquivou-se Hawk, acabando significativamente com o tema.

Os dois homens passaram um tempo em silêncio, ambos mergulhados em seus pensamentos por razões diferentes enquanto olhavam fixamente o céu aveludado. Uma coruja gritou suavemente nos jardins. Os grilos esfregaram suas pernas num concerto doce e ofereceram tributo ao crepúsculo de Dalkeith. As estrelas pulsaram e brilharam debilmente contra o manto azul-negro da noite.

-Olhe. Uma estrela cadente. Ali, Hawk. O que faz com ela?- Grimm apontou uma mancha branca que caía dos céus, deixando uma cauda leitosa brilhando em seu rastro.

-Esmeralda diz que se pedir um desejo a essas estrelas cadentes, este lhe será concedido.

-O que deseja neste instante?

-Conversa à toa- ironizou Hawk-. Uma coisa sem sentido para tolas garotas românticas de olhar sonhador-. Mas ele, com certeza, fizera um pedido. Cada vez que vira uma estrela cadente ultimamente. Sempre o mesmo pedido. Pois acima de tudo, o tempo estava acabando.

-Bem, eu tentarei- resmungou Grimm, sem vacilar pela ironia de Hawk-. Desejo...

-Diga, Grimm. Qual é o seu desejo?- perguntou Hawk curioso.

- Não vou lhe dizer. Você não acredita neles.

-Eu? O eterno romântico que encanta legiões com sua poesia e sedução, um incrédulo de todas essas encantadoras coisas femininas?

Grimm disparou a seu amigo um olhar de advertência.

-Cuidado, Hawk. Zombe disso sozinho. Realmente, um dia irá enfadar a uma garota. E não saberá o que fazer. Por enquanto, elas ainda caem pelos seus sorrisos perfeitos.

-Quer dizer como este?-. Hawk arqueou uma sobrancelha e esboçou um sorriso, completando-o com uns olhos entrecerrados sonolentamente que encheriam volumes a respeito de como a garota que o recebesse seria a única verdadeira beleza de seu coração, um coração que tinha lugar para uma só. E quem quer que fosse, passava a estar nos braços de Hawk nesse mesmo momento.

Grimm agitou sua cabeça em aversão simulada.

-Está ensaiando. Deveria. Vamos admita.

-É lógico que o faço. Funciona. Não o praticaria você?

-Mulherengo.

-Uh-humm-. Hawk estava de acordo.

-E lembra o nome de todas?

-Todos os cinco mil.

Hawk escondeu sua careta por trás de um sorriso torto.

-Sem vergonha. Libertino.

-Descarado. Arrogante. Pecador. Ah, eis um bom: '*voluptuoso*'- proporcionou Hawk humildemente.

-Por que não vêem elas através de você?

Hawk encolheu um ombro.

-Lhes agrada o que recebem de mim. Há muitas garotas famintas ali fora. Eu não posso, de boa fé, recusá-las. Preocupariam minha cabeça.

-Creio que sei qual cabeça exatamente se preocuparia- disse Grimm secamente-. A mesma que vai metê-lo num grande problema algum dia.

-Que desejou, Grimm?-. Hawk ignorou a advertência com a atitude de um demônio sem preocupações que era seu costume, e que tanto atraía às mulheres.

Um sorriso lento deslizou sobre a cara de Grimm.

-Uma garota que não o queira. Uma celestial... não, uma garota terrenalmente formosa, com talento e sabedoria para manobrá-lo. Uma com uma cara perfeita e um corpo perfeito, e um perfeito '*não*' em seus lábios perfeitos para você, meu amigo tão perfeito. E também desejei que me permitissem observar a batalha.

Hawk sorriu desinteressadamente.

-Isso nunca acontecerá.

O vento levou uma voz sem corpo, que boiou numa brisa de jasmim e sândalo, docemente através dos pinheiros. Então falou em palavras risonhas que nenhum humano poderia ouvir.

-Penso que isso pode arranjar-se.

CAPÍTULO 2

A mística ilha de Morar se cobriu de *eventide*, a areia de sílice reluzente como prata, sob as botas do Rei Finnbheara enquanto passeava de um lado a outro, esperando a volta do Piadista da corte com impaciência.

A Rainha e seus cortesãos favoritos estavam celebrando Beltane alegremente num povoado das remotas Highlands. Ver a sua elfina Aoibheal dançar e paquerar com os Highlanders mortais tinha estimulado seu ciúmes numa ira imensa. Tinha fugido dos fogos de Beltane antes de sucumbir ao desejo de aniquilar o povoado inteiro. Estava muito irritado com os mortais para confiar em si mesmo junto a eles nesses momentos. O simples pensamento de sua Rainha com um homem mortal o enchia de fúria.

Como a Rainha das Fadas tinha seus favoritos entre os seus cortesãos, também o Rei das Fadas os tinha; o astuto Piadista da corte era seu colega desde fazia muito tempo de bebidas e espadas. Tinha-o despachado para estudar ao mortal chamado Hawk, para recolher informação com a que pudesse preparar uma vingança digna para o homem que se tinha atrevido a entrar no território das fadas.

-Sua masculinidade a meio pau deixaria invejoso a um garanhão... ele exige a alma de uma mulher-. O Rei Finnbheara zombou das palavras de sua Rainha num falsete áspero, então cuspiu irritado.

-Temo que seja verdade- disse o Piadista categoricamente quando apareceu à sombra de uma sorveira.

-Realmente?- o Rei Finnbheara fez uma careta. Tinha-se convencido de que Aoibheal tinha embelezado um pouco sua história; depois de tudo, esse homem era um mortal.

O Piadista franziu o cenho.

-Passei três dias em Edimburgo. O homem é uma lenda viva. As mulheres clamam por ele. Pronunciam seu nome como se fosse algum encantamento místico garantido para brindar o êxtase eterno.

-Viu-o? Com seus próprios olhos? É bonito?- o Rei perguntou rapidamente.

O Piadista assentiu e sua boca se torceu amargamente.

-Completamente. É mais alto do que eu.

-Você tem mais de seis pés em todo seu esplendor!- objetou o Rei.

-É quase um palmo mais alto. Tem o cabelo da cor do corvo, que usa amarrado num rabo de cavalo liso; os olhos negros ardendo sem chama; a perfeição esculpida de um deus jovem e o corpo de um guerreiro viking. É repugnante. Posso mutilá-lo, meu *liege*? Desfigurar seu semblante perfeito?

O Rei Finnbheara ponderou essa informação. Sentia-se doente, com um buraco no estômago ante o pensamento desse misterioso mortal tocando os brancos membros de sua Rainha, trazendo-lhe prazer incomparável. Exigindo sua alma.

-Eu o matarei para você- ofereceu o Piadista esperançosamente.

O Rei Finnbheara acenou com impaciência.

-Estúpido! E romper o Pacto entre nossas raças? Não. Deve haver uma outra maneira.

O Piadista encolheu os ombros.

-Talvez devamos sentar-nos e não fazer nada. O mortal Hawk está a ponto de ser condenado pela mão de sua própria raça.

-Conte-me- pediu Finnbheara, picado pela curiosidade.

-Descobri que Hawk deve casar-se dentro de alguns dias. Está comprometido pelo decreto de seu rei mortal. A destruição está a ponto de chegar. Verás, meu *liege*, o Rei James pediu que Hawk se case com uma mulher chamada Janet Comyn. O rei declarou que se Hawk não se casar com essa mulher, destruirá aos clãs Douglas e Comyn.

-E então? Onde você quer chegar?- perguntou Finnbheara com impaciência.

-Janet Comyn está morta. Morreu hoje.

Finnbheara se tensionou no instante.

-A machucou, estúpido?

-Não, meu *liege*!- o Piadista lhe deu um olhar ferido-. Ela morreu pela mão de seu pai. Eu não pus a idéia em sua cabeça mais do que pus uma chave à torre dela em sua *sporrán*.

- Isso significa que colocou ou não a idéia em sua cabeça?- perguntou o Rei suspeitamente.

-Vamos, meu *liege*- o Piadista ficou sério-; pensa que eu provocaria tal engano e arriscaria a todos nós?

Finnbheara fechou e abriu seus dedos e estudou o Piadista. Imprevisível, hábil e descuidado, o Piadista não tinha sido ainda bastante tonto para arriscar sua raça.

-Continue.

O Piadista ergueu a cabeça e seu sorriso brilhou na meia luz.

-É simples. O casamento não pode realizar-se agora. O Rei James vai destruir aos Douglas. Oh, e aos Comyn também- acrescentou irreverentemente.

-Ah!- Finnbheara se debateu um momento, pensativo. Ele não tinha que levantar um dedo e Hawk morreria logo.

Mas não era o bastante, enfureceu-se. Finnbheara queria sua própria mão na destruição de Hawk. Tinha sofrido um insulto pessoal, e queria uma vingança intimamente pessoal. Nenhum homem mortal zombava do Rei das Fadas sem retribuição divina: e quão divino se sentiria destruir a Hawk.

O vislumbre de uma idéia começou a tomar forma em sua mente. Quando a considerou, o Rei Finnbheara se sentiu mais vital do que tinha se sentido em séculos.

O Piadista não estranhou o sorriso arrogante que curvou os lábios do Rei.

-Está pensando algo mau. Que está planejando, meu *liege*?- perguntou o Piadista.

-Silêncio- ordenou o Rei Finnbheara. Esfregou sua mandíbula pensativamente enquanto se debatia entre suas opções e refinava seu plano cuidadosamente.

Se o tempo passava enquanto Finnbheara traçava seus planos, nenhuma fada o notou; o tempo significava pouco para a raça de seres que podia mover-se a vontade sobre ele. As primeiras chamas da aurora pintaram o céu sobre o mar quando o Rei falou de novo:

- Hawk alguma vez já amou?

-Amado?- o Piadista fez eco inexpressivamente.

-Sabe, essa emoção para a qual os mortais compõem sonetos, fazem guerras, levantam monumentos- disse o Rei secamente.

O Piadista refletiu um momento.

-Eu diria que não, meu Rei. Hawk nunca cortejou a uma mulher que depois não ganhasse, nem parece que alguma vez desejasse a alguma em especial mais do que outra.

-Nunca uma mulher se negou a ele?- perguntou o Rei Finnbheara com um rasto de incredulidade.

-Não que eu pudesse encontrar. Penso que nenhuma mulher que viva e respire no século XVI poderia negar-se a ele. Já lhe disse, o homem é uma lenda. As mulheres desmaiam em cima dele.

O Rei sorriu perversamente.

-Tenho outra missão para você, Piadista.

-Qualquer coisa, meu *liege*. Permita-me matá-lo.

-Não! Não haverá nenhum sangue derramado por nossa mão. Escute-me cuidadosamente. Passa agora através dos séculos. Vá adiante, lá onde as mulheres são mais independentes e auto-suficientes. Encontre-me uma mulher que seja irresistível, exótica, brilhante, forte; uma que conheça sua própria mente. Escolha-a bem: deve ser uma mulher que não

perderá seu talento ao viajar através do tempo, deve ser adaptável aos eventos estranhos. Nada de trazê-la para nós e confundir seu cérebro. Ela deve acreditar um pouco na magia.

O Piadista concordou.

-Tem razão. Recorda essa contadora de impostos que devolvemos ao século XII? Tornou-se uma louca delirante.

-Exatamente. A mulher que você deve achar deve estar habituada um pouco ao estranho, para que possa aceitar viajar no tempo sem enlouquecer. Finnbheara ponderou isso durante um momento-. Já sei! Apareça em Salem, onde ainda acreditam em bruxas, ou talvez em Nova Orleães, onde os antigos sons mágicos ainda soam no ar.

-Lugares perfeitos!- o Piadista se entusiasmou.

-Mas o mais importante, Piadista: deve encontrar-me uma mulher que tenha um ódio especial pelos homens bonitos e mulherengos; uma mulher que garanta converter num inferno vivo essa vida mortal.

O Piadista sorriu diabolicamente.

-Posso embelezar seu plano?

-É uma parte crucial dele- disse o Rei com uma promessa sinistra.

Adrienne de Simone estremeceu, ainda que fosse um maio extraordinariamente quente em Seattle. Colocou um suéter em cima de sua cabeça e empurrou as portas francesas fechadas. Olhou fixamente para fora através do vidro e observou a noite descer sobre os jardins que davam voltas em selvagem desordem além do caminho.

Na penumbra, vistoriou a parede de pedra que protegia sua casa localizada no numero 93 da Coattail Lane; então se voltou para realizar o escrutínio metódico das sombras sob os carvalhos majestosos, procurando qualquer movimento irregular. Suspirou profundamente e pediu a si mesma para relaxar-se. Os cães de guarda que patrulhavam as terras estavam quietos. *As coisas devem estar seguras*, se assegurou firmemente.

Inexplicavelmente tensa, digitou o código no painel do alarme que ativaria os detectores de movimento estrategicamente montados ao longo de um acre de gramado. Qualquer movimento não previsto de mais de cem libras de peso e três pés de altura ativaria os detectores, ainda que a advertência sonora não chamaria à polícia ou a qualquer agente da lei.

Adrienne correria para sua arma antes de correr para um telefone. Convocaria ao mesmo diabo antes de sonhar em chamar à polícia. Ainda que tivessem passado seis meses, Adrienne sentia como se não estivesse vivendo longe o bastante de Nova Orleães, nem quando se distanciara através de um oceano ou dois, algo que no entanto não podia fazer; a porcentagem de fugitivos apreendidos enquanto tentavam deixar o país era espantosamente alto.

Ela era isso realmente?, se maravilhou. Nunca deixava de assombrá-la, mesmo depois de todos esses meses. Como podia ela, Adrienne de Simone, ser uma fugitiva? Ela sempre fora uma cidadã honrada, respeitosa da lei. Tudo o que pedia da vida era uma casa e um lugar a que pertencer; alguém para amar e alguém que a amasse; filhos algum dia, crianças que nunca abandonaria num orfanato.

Tinha encontrado tudo isso em Eberhard Darrow Garrett, o ponto alto da elite da sociedade de Nova Orleães, ou havia pensado isso.

Adrienne ofegou quando inspecionou o gramado mais uma vez antes de deixar cair as cortinas das portas. Há alguns anos, o mundo parecia um lugar diferente; um lugar maravilhoso, cheio de promessas, excitação e possibilidades intermináveis.

Só armada com seu espírito irreprímível e trezentos dólares no bolso, Adrienne Doe inventara um sobrenome para si mesma e fugira do orfanato no dia que completara dezoito anos. Assombrara-se ao descobrir empréstimos para estudantes para os quais qualquer um poderia se candidatar, inclusive alguém tão inseguro financeiramente quanto um órfão. Se empregara como garçone, inscrevera-se na universidade e empreendera a meta de fazer alguém de si mesma. Havia algo, não estava segura, mas sempre pressentiu que algo especial estava esperando-a ao virar a próxima esquina.

Tinha vinte anos, uma estudante do segundo ano da universidade, quando essa coisa especial aconteceu. Trabalhando na *Blind Lemon*, um elegante bar e restaurante, Adrienne recebeu o olhar, o coração e o anel de compromisso do misteriosamente belo Eberhard Darrow Garrett, o solteiro mais rico do momento. Fora o conto de fadas perfeito. Andou durante meses sobre nuvens iluminadas de felicidade.

Quando as nuvens começaram a afundar sob seus pés, negara-se a olhar para a realidade, não queria reconhecer que o príncipe do seu conto de fadas podia ser o príncipe de coisas mais escuras.

Adrienne apertou os olhos desejando poder apagar algumas de suas más recordações. Quão ingênua tinha sido! Quantas desculpas tinha dado -para ele, para ela- até que finalmente teve que reconhecer...

Um miado diminuto a chamou ao presente e ela sorriu para a única coisa boa que acontecera entre tantas ruins; seu gatinho, *Moonshadow*, um filhote vira-latas que encontrou num posto de gasolina em seu caminho para o norte. *Moonie* se esfregou contra seus tornozelos e ronronou entusiasmada. Adrienne aconchegou a pequena criatura peluda e a abraçou estreitamente. *Amor incondicional*, coisas como essa eram os presentes que *Moonie* lhe tinha dado. Amar sem reservas ou subterfúgios, o puro afeto sem seus lados mais escuros.

Adrienne murmurou ligeiramente quando esfregou as orelhas de *Moonie*, então se deteve abruptamente quando um som fraco de arranhões atraiu sua atenção às janelas novamente.

Ainda perfeitamente calma, abraçou *Moonie* e esperou, contendo a respiração.

Mas havia só o silêncio.

Deve ter sido um raminho que roçou o telhado, decidiu. Mas, ela não havia podado todas as árvores da casa quando tinha se instalado?

Adrienne suspirou, agitou a cabeça, e ordenou a seus músculos para relaxarem. Quase teve sucesso quando sobre sua cabeça uma tábua do piso rangeu. A tensão regressou no mesmo instante. Deixou *Moonie* cair numa cadeira almofadada e olhou intensamente o teto quando o som de rangido se repetiu. Talvez fosse simplesmente a casa assentando-se. Realmente tinha que superar esse nervosismo. Quanto tempo passaria até que deixasse de se assustar, de dar a volta e ver Eberhard de pé ali, com seu débil sorriso zombador e a arma brilhando? Eberhard estava morto. Estava segura, *sabia* que estava. Então por que se sentia tão horrivelmente vulnerável? Durante os últimos dias teve a sensação sufocante de que alguém a estava espionando. Não importava quão duramente tentava tranquilizar-se dizendo-se que ninguém poderia desejar machucá-la ou vê-la morta -ou não sabê-la viva-, porque ainda se consumia por uma inquietude mórbida. Cada instinto que possuía a advertia de que algo estava mal, terrivelmente mau. Tendo crescido na Cidade dos Fantasmas -a abafada Nova Orleães, supersticiosa e mágica-, Adrienne tinha aprendido a escutar seus instintos. Quase sempre acertava na mosca.

Seus instintos, inclusive, foram corretos sobre Eberhard. Teve um pressentimento ruim sobre ele desde o início, mas se convenceu de sua própria insegurança. Eberhard era o melhor partido de Nova Orleães; naturalmente, uma mulher poderia sentir-se um pouco intimidada por semelhante homem.

Só bem mais tarde entendeu que estivera sozinha tanto tempo, e queria tão desesperadamente acreditar no conto de fadas, que tentara obrigar a realidade a refletir os seus desejos, e não o contrário. Dissera a si mesma tantas mentiras antes de finalmente enfrentar a verdade, que Eberhard não era o homem que tinha pensado que fosse... Tinha sido tão estúpida.

Adrienne respirou profundamente o ar da primavera que passou suavemente pela janela atrás dela; então retrocedeu e girou abruptamente. Olhou as trêmulas cortinas com cautela. Não tinha fechado essa janela? Estava certa que sim. Tinha fechado todas as janelas antes de fechar as portas francesas. Adrienne se encaminhou cautelosamente para a janela, fechou-a rapidamente, e a trancou com chave.

Eram nervos, nada mais. Nenhuma cara apareceu na janela, nenhum cachorro latiu, nenhum alarme soou. Que sentido tinha tomar tantas precauções se não podia relaxar-se? Não podia ter ninguém ali fora.

Adrienne se obrigou a afastar-se da janela. Quando caminhou pelo quarto, seu pé tropeçou num pequeno objeto que deslizou pelo envelhecido tapete de Oushak, onde chocou contra a parede.

Adrienne deu uma olhada e retrocedeu. Era uma peça do jogo de xadrez de Eberhard, uma que ela tinha tirado de sua casa em Nova Orleães na noite que tinha fugido. Tinha esquecido tudo isso depois que se instalou. Tinha-a jogado numa caixa, uma daquelas amontoadas no canto que nunca se decidia a desempacotar. *Talvez Moonie tenha tirado as peças*, refletiu, pois tinha algumas delas espalhadas pelo tapete.

Recuperou a peça que tinha dado um pontapé e a rodou cautelosamente entre seus dedos. As ondas de emoção a inundaram; um mar de vergonha, cólera e humilhação, misturado com um implacável temor de que ainda não estivesse a salvo.

Uma rajada de ar beijou a parte de atrás de seu pescoço, e ela se tensionou, apertando a peça de xadrez com tanta força que a coroa da rainha negra se fincou cruelmente na palma de sua mão. A lógica insistia que as janelas por trás dela estavam fechadas -ela sabia que estavam-; mesmo assim, o instinto lhe disse outra coisa.

A Adrienne racional sabia que não havia ninguém em sua biblioteca, somente ela e uma gatinha roncando ligeiramente. A Adrienne irracional se balançava na borda do terror.

Rindo nervosamente, xingou-se por ser tão assustadiça, então amaldiçoou a Eberhard por deixá-la dessa maneira. Não sucumbiria à paranóia.

Deixando-se cair de joelhos sem dirigir um olhar para trás, Adrienne juntou as peças de xadrez espalhadas num monte. Não lhe agradou realmente tocá-las. Uma mulher não podia passar sua meninice em Nova Orleães -a maior parte dela aos pés de um contista crioulo que vivia atrás do orfanato- sem tornar-se um pouco supersticiosa. O jogo era antigo, um jogo viking original; uma velha lenda contava que era amaldiçoado, e a vida de Adrienne fôra bastante maldita. A única razão pela qual tinha furtado o jogo, era para o caso de precisar de dinheiro vivo. Esculpido em marfim de morsa e ébano, valeria um preço exorbitante para um colecionador. Além do que, ela não o tinha ganhado, depois de tudo o que ele lhe tinha feito passar?

Adrienne murmurou uma ofensa vívida sobre os homens bonitos. Não era moralmente aceitável que alguém tão mau como Eberhard parecesse ser tão bom. Não exigia a justiça poética, por outra parte, que as caras das pessoas não deviam refletir seus corações? Se Eberhard fosse por fora tão feio, como tinha descoberto tardiamente, que era em seu interior, nunca teria terminado no lado errado de uma arma. Claro que, Adrienne tinha aprendido da maneira mais dura que qualquer lado de uma arma era o lado errado.

Eberhard Darrow Garrett era um homem belo, mulherengo, enganoso, e arruinou sua vida. Apertando a rainha negra fortemente, ela fez uma promessa firme: *nunca sairei novamente com um homem charmoso, enquanto viva e respire. Odeio aos homens bonitos. Os odeio!*

Do lado de fora das portas francesas do 93 da Coattail Lane, um homem sem substância, uma criatura que nenhum artefato feito pelo homem poderia detectar ou conter, ouviu suas palavras e sorriu. Sua opção foi feita com certeza veloz: Adrienne de Simone era definitivamente a mulher que ele estava procurando.

CAPÍTULO 3

Adrienne não tinha nem idéia de como terminara no colo do homem. Nenhuma.

Num momento era absolutamente sensata -talvez um pouco neurótica, mas firmemente convencida, não obstante, de sua sensatez- e no momento seguinte a terra desaparecia sob seus pés e ela caía no que parecia um dos buracos do coelho de *Alice No País das Maravilhas*.

Seu primeiro pensamento foi que devia estar sonhando: uma vívida, horrorosa correria subconsciente num pesadelo bárbaro.

Mas isso não fazia nenhum sentido; momentos antes ela estava acariciando a *Moonshadow* ou fizera... algo... que? Simplesmente não podia dormir sem se lembrar!

Talvez tivesse tropeçado e golpeado a cabeça, e essa alucinação fosse o resultado de uma comoção.

Ou talvez não, preocupou-se quando olhou ao redor do quarto fumegante e cavernoso cheio de pessoas estranhamente vestidas que falavam numa versão grosseira da língua inglesa.

Agora você conseguiu, Adrienne, refletiu sobriamente. *Escorregou finalmente por cima da borda, porém ainda dando pontapés*. Adrienne se esforçou em focalizar os olhos, que se sentiam estranhamente pesados. O homem que a abraçou estava levantando-se. Era uma besta que arrotava com braços grossos e uma barriga gorda, e fedia.

Há pouco tempo ela estava em sua biblioteca, não era certo?

Uma mão engordurada apertou seu seio e ela gritou surpreendida. O desconcerto foi vencido pelo ultraje envergonhado quando sua mão roçou o cume de seu mamilo deliberadamente através do seu suéter. Ainda que isso fosse um sonho, não podia permitir que essa classe de atividade passasse sem reparação. Abriu a boca para lançar uma resposta áspera, mas ele a colou a seu peito. Sua boca rosa nessa massa emaranhada de pelo estendida numa extensa... Santos Céus, mas o homem não tinha terminado ainda de mastigar, e não a surpreendia, pois os poucos dentes que lhe restavam estavam cheios de restos e castanhas.

Com repulsa Adrienne limpou os pedaços de frango e saliva de sua cara quando ele rugiu, mas se alarmou genuinamente quando compreendeu suas palavras, através de seu sotaque denso.

Ela era uma graça divina, ele proclamou ao quarto grande. Era um presente dos anjos.

Ela se casaria no dia seguinte.

Adrienne desmaiou. Seu corpo inconsciente sofreu um espasmo, então se fez flácido. A rainha negra escorregou de sua mão, caiu ao solo e quicou sob uma mesa ao ser arrastada por uma bota de couro.

Quando Adrienne acordou, ainda estava deitada, os olhos apertados e firmemente fechados. Sob suas costas sentia gordos volumes amontoados. Poderia ser sua própria cama. Tinha comprado um colchão de molas antigas e o tinha guardado para pô-lo sobre sua cama de estilo Rainha Anne. Ela era apaixonada por antiguidades, não havia dúvida sobre isso.

Cheirou o ar cautelosamente. Nenhum cheiro estranho do banquete que tinha sonhado. Nenhum zumbido desse sotaque denso que tinha imaginado antes.

Mas nenhum barulho do trânsito tampouco.

Alertou seus ouvidos e escutou intensamente. Tinha ouvido alguma vez tal silêncio?

Adrienne conteve um pequeno suspiro e ordenou a seu coração para tranquilizar-se.

Esticou-se sobre o nodoso colchão. Como tinha ocorrido essa loucura? Tinha começado com uma vaga noção de inquietude, um pressentimento terrível de ser observada, e então... uma escalada rápida a plena loucura, só para culminar num pesadelo onde uma besta pestilenta, peluda, anunciava-lhe núpcias iminentes?

Adrienne apertou mais os olhos, ainda firmemente fechados, e rezou por sua volta à sensatez. A silhueta de um jogo de xadrez se desenhou em sua mente; as peças prontas para a batalha e as rainhas amargas se gravavam em alívio severo contra o interior de suas pálpebras, e parecia haver algo urgente que precisava recordar. Que tinha estado ela fazendo?

A cabeça lhe doía. Era um tipo de dor surda, acompanhada pelo sabor amargo de moedas velhas no fundo de sua garganta. Por um momento lutou contra eles, mas as batidas se intensificaram. O jogo de xadrez dançou fugidamente em suas sombras de negro e branco, e se dissolveu depois num detalhe distante. Não podia ser muito importante. Tinha coisas mais urgentes que se preocupar, como onde demônios ela estava?

Manteve os olhos fechados e esperou. Uns momentos mais e ouviria o ronco de um BMW rua abaixo da Coattail Lane ou seu telefone tocaria insistentemente...

Um galo cacarejou.

Outro minuto e ouviria *Mooney* pedindo comida com sua *mer-ooow*, e sentiria sua cauda passeando por sua cara obrigando-a a levantar-se da cama. Não ouviu o chiar das dobradiças desafinadas, a raspadura de uma porta demasiado longa contra um umbral de pedra.

-Milady, sei que está acordada.

Os olhos se abriram repentinamente para encontrar a uma mulher corpulenta com cabelo castanho e grisalho e bochechas rosadas retorcendo as mãos ao pé da cama.

-Quem é você?- perguntou Adrienne cautelosamente, negando-se a olhar nada mais do quarto a exceção dessa última aparição.

-Bah! Quem sou eu pergunta ela? A garota que aparece de parte alguma, voando como se fosse uma bruxa, está desejando saber quem sou eu? Hummph!

Com isso, a mulher pôs uma travessa com um peculiar cheiro de comida numa mesa próxima, e forçou a Adrienne a sentar-se deixando cair os travesseiros por trás de suas costas.

-Sou Talia. Enviaram-me para cuidar de você. Coma. Se não comer não ficará forte pra enfrentar seu casamento-repreendeu ela.

Com essas palavras e um vislumbre das paredes de pedra cheios de tapeçarias vivamente coloridas que retratavam caças e orgias, Adrienne desmaiou de novo, esta vez, com gosto.

Adrienne acordou novamente ante uma fila de serventes trazendo peças de roupas íntimas, meias e um traje de noiva.

As mulheres a banharam em água perfumada em frente a uma lareira de pedra maciça. Enquanto se submergia profundamente na tina de madeira, Adrienne examinou cada centímetro do quarto. Como podia ser um sonho tão vívido, tão rico em cheiros, tatos e sons? A água de banho cheirava a urze fresco e lilás. As serventes conversavam ligeiramente enquanto a banhavam. A lareira de pedra era, facilmente, tão alta como três homens, subindo até beijar o teto e estendendo-se ao longo da metade da largura da parede oriental. Estava adornada com uma série de artísticos trabalhos de prata; cestos delicadamente filigranados, rosas feitas a mão que brilhavam como prata fundida, cada pétala diferente e parecendo aveludada de algum modo. Sobre a grande estante da chaminé trabalhada em áspero carvalho cor de mel, estava pendurada uma cena de caça que retratava uma vitória sangrenta.

Sua observação foi bruscamente cortada pelo barulho da porta. Ofegos assustados, e as vozes calaram-se imediatamente compelindo-a a levantar o olhar sobre um ombro nu, e ela, também, ficar muda. O patife com o tapete emaranhado na cara! Com as bochechas ardendo de confusão, afundou-se mais profundamente na tina.

-Milorde, este não é lugar para você- começou uma servente.

Uma palmada soou através do quarto, impondo silêncio ao protesto da criada e detendo a qualquer um que considerasse começar a falar também. A grande besta gordurosa que mais cedo estivera em seu pesadelo se deteve à altura de seus quadris em frente a tina fumegante, um olhar de soslaio para sua cara. Os cortantes olhos azuis se encontraram com o duro cinza quando Adrienne sustentou seu rude olhar sem piscar.

Os olhos do homem baixaram, pesquisaram a linha d'água e sondaram embaixo dela. Sorriu abertamente à vista de seus mamilos rosados antes que ela cruzasse seus braços e se cobrisse firmemente.

-Penso que não será tão mau- murmurou o homem. Então, afastando os olhos da água até a cara inexpressiva dela, ordenou-lhe-: A partir deste momento seu nome é Janet Comyn.

Adrienne lhe lançou um olhar orgulhoso.

-Meu nome- alfinetou-, é Adrienne de Simone.

Crack!

Ela levou uma mão a sua bochecha sem acreditar. Uma criada exclamou uma dissimulada advertência.

-Tente de novo- aconselhou ele suavemente, e tão suaves como suas palavras eram, os olhos azuis brilhavam gravemente duros.

Adrienne esfregou a bochecha ardente em silêncio.

E a mão do homem se levantou e caiu de novo.

-Milady! Lhe imploramos!-. Uma pequena criada se deixou cair de joelhos ao lado da tina e pôs uma mão no ombro nu de Adrienne.

-Está muito bem, aconselhe-a, Bess. Sabe o que faço com uma garota bastante tonta para negar-se a mim. Diga- repetiu dirigindo-se a Adrienne-. Diga-me que seu nome é Janet Comyn.

Quando a palma de sua mão robusta caiu de novo, o fez sobre a cara de Bess, com fúria. Adrienne gritou quando ele golpeou à criada repetidamente.

-Pare!- gritou ela.

-Diga-o!- ordenou ele quando sua mão subiu e caiu de novo. Bess soluçou ao encolheu-se no chão, mas o homem a perseguiu, sua mão agora em punho.

-Meu nome é Janet Comyn!- gritou Adrienne, meio levantada da tina.

O punho de Comyn se deteve no meio do ar, e o afundou de novo em seus quadris, a luz de vitória brilhando nos olhos. Vitória e essa lenta e repugnante inspeção de sua carne.

Adrienne vacilou sob a pura libertinagem dos olhos pálidos, e se submergiu de novo na água.

-Não, ele não conseguiu uma má pechincha em absoluto. É bem mais bonita do que a minha própria Janet-. Sua boca se torceu num sorriso-. Até me agradaria desfrutar desses gordos travesseiros eu mesmo, mas chegou em cima da hora.

-Cheguei aonde?

-Vinda de onde é minha pergunta- replicou o homem.

Adrienne compreendeu nesse momento que subestimar a esse homem brutal seria um grave erro. Porque por trás dos modos desastrosos e da aparência desalinhada, havia uma têmpera de aço e a estocada de um acentuado talento. O braço frouxo que aplicara os golpes tinha muito músculo. Os olhos pálidos que vagavam inquietos não erravam um golpe. Ele não tinha castigado Bess com raiva. Havia batido nela em um ato frio, calculado, para conseguir o que queria de Adrienne.

Ela agitou a cabeça, os olhos abertos em confusão.

-Realmente, não tenho a mais mínima idéia de como cheguei aqui.

-Não sabe de onde veio?

Bess estava soluçando suavemente, e os olhos de Adrienne se escureceram quando olhou para a criada encolhida numa pelota tentando mover-se pouco a pouco para longe de Comyn. A mão dele se esticou e aprisionou o tornozelo da criada. Bess choramingou desesperadamente.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

